

Unidos contra a cassação

De olho no futuro, Jader orienta PMDB a trabalhar por punição menor para ACM

BRASÍLIA

A briga que abalou a República, paralisou o Congresso e há um ano assusta o governo entrou em clima de armistício. Com um telefonema, semana passada, os senadores Jader Barbalho (PMDB-PA) e Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) selaram oficialmente a paz depois de meses sem sequer trocarem cumprimentos. Segundo um político com trânsito junto aos dois, foi determinante o momento de fragilidade que ambos vivem, sob ameaça de cassação.

A iniciativa foi de Jader, que alcançou Antonio Carlos no gabinete. Em outros tempos, Antonio Carlos sequer admitiria atender. Mas o fez aparentemente sem vacilar, segundo auxiliares. Os dois conversaram sobre o Conselho de Ética que investiga a violação do painel de votação e sobre a delicada situação de Antonio Carlos. O telefonema foi dado na véspera do depoimento do senador baiano no conselho.

O mais importante do telefonema ficou para o fim. Antes de desligar, Jader disse para o ex-inimigo: "Vou ver o que posso fazer para ajudá-lo". A conversa foi relatada por ambos a poucos assessores e a alguns políticos de confiança. A promessa de ajuda já foi colocada em prática e pôde ser vista no dia seguinte, quando, no depoimento de Antonio Carlos, alguns senadores peemedebistas não o hostilizaram.

A tropa de choque do PMDB já age discretamente para evitar a cassação de Antonio Carlos — o que praticamente anularia as chances de cassação de Jader, contra quem não há sequer um pedido formal de investigação no Senado. Para isso, ajudaria bastante, na visão de políticos do PMDB, a renúncia do senador José Roberto Arruda (sem partido-DF). Nesse caso, Antonio Carlos poderia receber uma punição inferior à cassação, com o apoio dos senadores ligados a Jader. Em troca, o PFL não se empenharia na investigação sobre o envolvimento de Jader e família no escândalo da Sudam.

A avaliação de senadores do PFL e do próprio PMDB é que a cassação de Antonio Carlos e de Arruda provocaria um efeito dominó, aumentando as pressões para a de Jader. O PFL já avisou que não vai abandonar Antonio Carlos. O partido tentará convencer os senadores, apesar da pressão popular, a dar uma pena menor ao senador baiano, como a suspensão temporária de mandato.

— Se houver a cassação de Antonio Carlos, não fica barato para ninguém. Nem para o PMDB nem para o PT — disse um cacique do PFL.

Roberto Stuckert Filho/23-09-1999



JADER ABRAÇA Antonio Carlos, em setembro de 1999: uma cena que não se via no Senado desde o início do ano passado